

Transformação. Entre Freire e Michel Foucault: uma crítica para contracolonizar os discursos e a educação desde Abya Yala

Transformation. Between Paulo Freire and Michel Foucault: a critique to countercolonize discourses and education from Abya Yala

Ceane Andrade Simões
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
Manaus-AM - Brasil
Walter Omar Kohan
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Rio de Janeiro-RJ-Brasil

Resumo

Este artigo problematiza o conceito de transformação para o pensamento educacional. Ele o faz em várias etapas. Na primeira, estuda seu significado, juntamente com o conceito de mudança na obra de Paulo Freire. Na segunda seção, traz, como contraste, as ideias de transformação e experiência de Michel Foucault. Por fim, em uma última seção, apresenta uma crítica ao conceito de transformação inspirada em alguns pensadores indígenas e quilombolas brasileiros, como Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos.

Palavras-chave: transformação; Paulo Freire; pensamento afro-brasileiro

Abstract

This article problematizes the concept of transformation for educational thinking. It does it in several steps. In the first one, it studies its meaning, together with the concept of change in the work of Paulo Freire. In second section, it brings, as a contrast the ideas of transformation and experience by Michel Foucault. Finally, in a last section, it presents a critique to the concept of transformation inspired by some Brazilian indigenous and quilombola thinkers, such as Ailton Krenak and Antônio Bispo dos Santos.

Keywords: transformation; Paulo Freire; Afro-Brazilian thought

1. Primeiras Palavras

Num cenário social, político, econômico e ambiental que nos convoca a dar atenção à amplificação e diversificação das lutas sociais por modos radicalmente diferentes de produzir e habitar este mundo, será que a ideia de transformação ainda pode ocupar um lugar importante na mobilização dos nossos desejos, do nosso imaginário, nossos sonhos e de nossas ações na busca de ruptura dos padrões hegemônicos de injustiças, desigualdades e opressões, próprias do atual estado de coisas, e na invenção de outros mundos possíveis? Mais além disso, a ideia ocidental de transformação seria interessante para produzir fissuras nos padrões de pensamento eurocentrados? Nesse sentido, ela poderia ser capaz de acompanhar uma *reviravolta* também epistêmica por múltiplas possibilidades de sonhar, sentir, viver e realizar o ato educativo?

Neste artigo apontamos as nossas dúvidas quanto a isso. Para desdobrá-las, propomos estudar o conceito de transformação na obra de Paulo Freire; realizamos também um contraponto com ideias do pensador francês Michel Foucault a respeito desse conceito e, finalmente, fazemos uma crítica do conceito de transformação com inspiração em alguns pensadores brasileiros indígenas e quilombolas, como é o caso de Ailton Krenak e Antônio Bispo dos Santos.

Junto com diversos pensadores do Sul-Global (Grosfoguel 2013; Dussel 2005) entendemos que o pensamento dominante que se alastrou na Modernidade com os processos coloniais afetou e ainda afeta o modo como passamos a organizar não só o pensamento, mas as nossas formas de agir e sentir no mundo. O pensamento dominante *eurocêntrico*ⁱ (Malheiro et al, 2021) ainda é basilar em nossas estruturas sociais e instituições contemporâneas, influenciando os modos pelos quais nos organizamos, em que pese a diversidade de formas de vida e formas de luta presentes em Abya Yalaⁱⁱ, ou seja, apesar da diversidade social, cultural, econômica e epistêmica [re]existentes por todo esse território e além. De modo paradoxal, o nosso enfrentamento às explorações e opressões nas quais se baseia e sustenta o sistema-mundo capitalista ainda incorpora as mesmas lógicas, fundamentos e razões desse pensamento que é situado [localizado], mas que se pretende, arrogantemente, universal. Ancorado nas estruturas imperialistas de poder que nos atravessa, esse pensamento, de forma persistente e contínua, tenta definir

o que é o conhecimento válido, quem pode produzi-lo, como ele deve ser transmitido e quais são as vidas que importa afetar com ele.

Apresentaremos um contraponto dessa lógica dominante inspirados numa proposta de enfrentamento que o intelectual quilombola Nego Bispo propõe no campo linguístico (Bispo dos Santos 2021, p. s./p.), partindo de que "nomear é dominar" e que, portanto, a tarefa contracolonizadora compreende a recusa de algumas palavras e a invenção de outras. Como situar a palavra transformação nesse campo de embates? Ela é uma palavra colonialista que precisa ser enfrentada? Para analisar estas perguntas, dedicamos uma primeira seção a analisar a concepção freireana do conceito transformação; numa segunda seção complexificaremos a compreensão do termo a partir de ideias inspiradas em Michel Foucault, antes de passar a novas considerações críticas.

2. Paulo Freire e a relação educação/transformação

A ideia de que a transformação desempenha um papel muito importante na obra de Paulo Freire dificilmente seria negada por qualquer estudioso ou estudiosa do grande educador brasileiro. Inicialmente realizamos uma pesquisa procurando estudos sobre o conceito de transformação em Paulo Freire. Consultamos também o importante *Dicionário de Paulo Freire* organizado por J. J. Zitkoski et al (2022). Tamanha foi a nossa surpresa ao perceber que não existe nele o verbete “transformação”. Inconformados, procuramos com mais detalhe no sumário e encontramos o verbete “mudança/transformação social”. Escrito por Cênio Weyh (In: Zitkoski et al, 2022, p. 327) destaca que o conceito se relaciona com o engajamento e o comprometimento de Paulo Freire em favor das causas dos oprimidos. Cita umas poucas passagens de algumas obras: *Educação e Mudança* (1979, p.18), em que Paulo Freire entende a transformação como “um ato de criação dos homens”; *Educação e Cidade* (1991) em que transformar diz respeito não apenas à realidade cruenta e injusta que vivem os brasileiros e brasileiras mas também à máquina burocrática que o próprio Freire sofre enquanto era, à época, secretário de educação da cidade de São Paulo; *Política e educação* (Freire, 2001), em que a transformação é relacionada aos sonhos (p. 69) e à democracia (p. 75) e, finalmente, *Pedagogia da indignação* (Freire, 2000), em que destaca uma espécie de mantra do “último” Paulo Freire: se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (p. 66). O verbete termina com uma referência a Pedro Demo e a sua leitura dos conceitos de transformação e transformação social.

A nossa pesquisa bibliográfica encontrou o trabalho “Educação e transformação: significações no pensamento de Paulo Freire”, publicado em 2014 em que se justifica a escrita do texto, principalmente, “pela ausência de trabalhos que tratem teoricamente da temática ‘transformação e mudança’ nas publicações de Paulo Freire” (Ferreira et al, 2014, p. 1423). Num texto muito relevante para o presente tema essa afirmação é chamativa. A escrita faz uma revisão bibliográfica ampla e traz aportes interessantes como, por exemplo, a ausência de “distinção entre os termos transformação e mudança nas obras de Paulo Freire”. Assim, considera sinônimos ambos os termos. O texto analisa conceitos fundamentais de Freire em relação ao conceito de mudança e os lê a partir de autores do materialismo histórico.

Um outro texto, mais recente, “John Dewey e Paulo Freire: educação e transformação social” de Darcísio Muraro (2022), traz uma análise comparativa entre ambos os autores mencionados no título, mostrando pontos em comum e divergências a partir de um estudo de conceitos principais como democracia, experiência, diálogo, criticidade, dentre outros. Em comum, ambos autores afirmariam a educação como uma experiência democrática que, a partir de sua contínua recriação crítica, “é uma esperançosa possibilidade de realizar este modo de vida democrático que conscientiza, liberta, humaniza” (Muraro 2022, p.164).

Um outro indicador que faz suspeitar da importância do termo “transformação” para Paulo Freire é que ele não aparece nos títulos na versão original em português dos seus livros. Aparece sim o termo “mudança” mais de uma vez, ainda mais vezes nas traduções ao castelhano (“cambio”). Em castelhano, “transformación” aparece no subtítulo da tradução do livro *Conversação libertária com Edson Pasetti* (Pasetti, 1998), traduzido, imaginativamente, como *La voz del maestro. Conversaciones acerca de vivir, enseñar y transformar el mundo* (Buenos Aires: Siglo XXI, 2018). Trata-se de uma das tantas conversas que Paulo Freire publicou com outros autoresⁱⁱⁱ. Nela, a ideia de transformação aparece de modo interessante em várias passagens. Numa delas, Paulo Freire está se referindo ao surgimento do seu “método” em Angicos, Rio Grande do Norte, em 1963. Comenta a dificuldade que sentia de enfrentar o que denomina como um dos problemas mais sérios, qual seja, o “pessimismo das massas” (Pasetti 1998, p. 53) e a inspiração num debate nos discursos populares que consistia na percepção de que, partindo do mais

concreto: “O homem e a mulher, como fazedores de cultura através da transformação do mínimo, do mínimo natural, expressam essa cultura na oralidade, que é também cultura.” Essa passagem é significativa para nosso estudo porque mostra o impacto cultural, pedagógico e político que tinha, para o povo, a simples percepção de sua capacidade transformadora, mesmo que ela fosse de questões pouco relevantes. Mais ainda, Freire pensava que ao se mostrar aos setores populares que eram capazes de resolver um problema simples como, por exemplo, a falta de água, cavando um poço, ao mesmo tempo mostrar-se-ia a eles que são criadores de cultura; assim, eles poderiam, com essa inspiração, também se sentir capazes de mudar (transformar) o mundo da cultura, da política e da história. Paulo Freire expande o exemplo com uma mulher humilde de Brasília que se percebe como agente de transformação ao transformar o barro em jarra; assim, pode potencialmente perceber que a vida política do país também pode ser transformada (Pasetti, 1998, p. 54).

Na conversa com Pasetti, Paulo Freire também se refere à relação entre educação e transformação na América Latina (Pasetti 1998, p. 51.). Afirma que os anos sessenta foram os anos do otimismo pedagógico em que a educação era considerada, quase unanimemente, como instrumento fundamental da transformação das estruturas sociais. Já com a influência de Althusser, nos anos setenta, passou a ser o contrário: imperava o pessimismo pedagógico e percebia-se a escola como reprodutora da estrutura dominante. Paulo Freire considera que nos anos oitenta chegou-se a uma posição mais dialética e “correta”: a educação escolar não poderia ser o eixo fundamental da transformação da estrutura social, mas também nenhuma transformação poderia ser produzida sem ela (Pasetti 1998, p. 63). Essa parece ser a posição que acompanhou Paulo Freire na última parte de sua vida: a educação não é por si mesma transformadora, mas nenhuma transformação acontece sem a educação. Recuperar essa relação que Freire considera dialética talvez nos ofereça uma perspectiva mais situada para a ideia de transformação [social e educacional], uma vez que ela se expressa num campo cada vez mais paradoxal, colocando na mesma cena emancipação e silenciamentos. A educação [oficial, maior] seria então essa arena cada vez mais disputada, contraditória e conflituosa, que evoca sentidos antagônicos de esperança e desesperança, que expõe as nossas vulnerabilidades, mas que também afirma as nossas potências.

A década de 1960 é também o tempo em que Paulo Freire escreveu o livro *Pedagogia do Oprimido*. Nele, a ideia de transformação é muito presente. Uma busca por termos mostra nada menos que 155 ocorrências de palavras começadas por “transform”, ou seja, relacionadas ao verbo “transformar” e ao substantivo “transformação”. Na metade delas, o transformar ou a transformação tem como objeto o mundo ou a realidade; mas também há muitos outros objetos da transformação: a opressão, a estrutura, a ordem injusta, o social, a palavra, os sentimentos, as ideias, o futuro, tudo, o saber, a cultura, a educação, o contorno, o inédito viável... e também objetos mais subjetivos como a consciência, o oprimido ou os outros. Num significativo número de aparições, transformar não tem objeto, é intransitivo e em outras é reflexivo (transformar-se). De modo que poderíamos afirmar que, nessa sua obra seminal, Paulo Freire estava basicamente preocupado (e confiante) com dois tipos de transformações: a da realidade ou do mundo e a dos seres humanos que nele vivem. As tantas aparições das formas reflexivas do verbo mostram que Paulo Freire pensava que ninguém está isento da transformação e que ela começa por si mesmo. Isso nos leva a pensar: é possível transformar a realidade, o mundo, sem transformar-se e vice-versa? E quando ou sob quais condições transformar-se pode significar uma emancipação não apenas individual, mas coletiva? Nesse caso, o processo de transformação da realidade e de si estaria dirigido às lutas contra os regimes de exploração e suas estruturas de opressão?

Vemos que, de fato, Paulo Freire não parece ter feito distinções entre mudança e transformação (Ferreira et al. 2014), o que torna mais significativo um estudo do livro *Educação e Mudança* (Freire, 1979). É interessante notar que o livro foi escrito e publicado inicialmente em castelhano, traduzido por Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin e publicado no Brasil em 1979, ano do retorno de Paulo Freire, após o exílio.

Já no prólogo, Moacir Gadotti (In: Freire, 1979) situa o conceito de mudança como "tema gerador", afirmando a sua centralidade em toda a obra de Paulo Freire e a considera "sua preocupação básica". Sendo assim, finaliza com duas perguntas centrais a respeito da relação entre educação e mudança:

(...) minha intenção é tecer algumas considerações sobre a temática central deste livro: a mudança. Inicialmente quero dizer que, ao lado da conscientização, a mudança é um “tema gerador” da prática teórica de Paulo Freire. Como o tema da consciência, o tema da mudança acompanha todas as suas obras. A mudança de uma sociedade de oprimidos para uma sociedade de iguais e o papel da

educação – da conscientização – nesse processo de mudança é a preocupação básica da pedagogia de Paulo Freire. Aqui, porém, nestes quatro estudos, ele se detém mais sistematicamente. Pode a educação operar a mudança? Que mudança? (Gadotti In: Freire, 1979, p.10)

Os apontamentos mais específicos sobre a relação entre educação e mudança estão no capítulo dois do livro "A educação e o processo de mudança social". Nele, Freire encontra no inacabamento ou inconclusão do ser humano "o núcleo fundamental onde se sustente o processo de educação." (Freire, 1979, p.112). Só há educação porque somos incompletos e a educação é uma busca consciente, com outras e outros, de si, de ser mais.

Freire apresenta outros conceitos como essenciais para a educação: a humildade em relação ao saber (ninguém está por cima de ninguém em termos do saber); o amor ("Não há educação sem amor, entendido como luta contra o egoísmo." (Freire, 1979, p.15); a esperança (não há busca nem educação sem esperança); o ser humano é um ser de relações reflexivas, consequentes, transcendentais e temporais com os outros seres humanos e com o mundo; o ser humano é dotado de um ímpeto criador, e educação é tanto mais autêntica quanto mais desenvolve este ímpeto ontológico de criar; toda sociedade está sempre em transição; na América Latina, vivemos numa sociedade fechada e colonial, predatória, elitista, rígida, autoritária com uma educação bancária que opera para manter os privilégios das elites e na qual predomina uma consciência ingênua; o papel da educação problematizadora é justamente transformar a consciência ingênua em consciência crítica.

Educação e mudança ainda se ocupa do papel do trabalhador social no processo de mudança, da alfabetização de adultos como um ato criador, da democratização fundamental que consistiria na crescente participação do povo no seu processo histórico, da conscientização dos instrumentos da educação e da capacitação dos coordenadores dos processos alfabetizadores. Apresentadas as teses principais da relação entre mudança e educação em Paulo Freire, vamos a buscar elementos para analisar de outra maneira o conceito de transformação. Introduziremos algumas ideias do pensador francês Michel Foucault para pensar de outra maneira a transformação, não para compreender melhor o conceito já apresentado em Paulo Freire. Também não se trata de estabelecer uma comparação ou competição, mas sim para alimentar a forma em que pensamos a transformação e sua relação com a subjetividade.

3. Transformação e experiência em Michel Foucault

Michel Foucault foi um crítico severo do humanismo, decretando “a morte do homem” (Conde et al. 2016). A sua atitude é, sobretudo, de denúncia, empreendida através de um método arqueológico e genealógico desdobrado sobre as chamadas ciências humanas e o dispositivo de saber-poder que ele denomina humanismo. Foucault não menciona Paulo Freire, também não está especialmente preocupado na educação, e ele entende o humanismo de uma forma muito específica: “é porque constitui-se o ser humano como um objeto de saber possível que posteriormente se desenvolveram todos os temas morais do humanismo contemporâneo ” (Foucault, 1994a, p.540-1). Mas Paulo Freire é sem dúvida um humanista contemporâneo e o essencial da crítica foucaultiana ao humanismo poderia ser dirigido a Paulo Freire e a sua compreensão de categorias como dialética, conscientização e história: a dialética promete ao ser humano que, de algum modo, vai devir um homem autêntico e verdadeiro. Promete o homem ao homem e, nessa medida, não é dissociável de uma moral humanista. Nesse sentido, os grandes responsáveis do humanismo contemporâneo são, evidentemente, Hegel e Marx.” (Foucault, 1994a, p. 541). Ou seja, Foucault ataca as bases e inspirações do pensamento freireano. No caso de Paulo Freire poderíamos acrescentar que se trata de um humanista cristão. Como poderiam dialogar, então, um humanista como Paulo Freire e um anti-humanista como Foucault? Talvez mostrar algumas diferenças possa nos ajudar a pensar, a entender os sentidos que podem ser outorgados ao termo "transformação" ou a percepção de sua pertinência ou impertinência como termo interessante para pensar os desafios e sentidos da educação contemporânea. Por outro lado, consideramos também que há aspectos em que possa ser estabelecido algum diálogo e entre as abordagens de M. Foucault e P. Freire, embora o seu marco conceitual seja muito diferente.

Talvez seja justamente o caso da noção ou categoria de transformação. Foucault concordaria com algumas convicções nevrálgicas de Paulo Freire, como a sua tese central de que toda educação é política. Com efeito, no estudo das instituições modernas Foucault mostrou um tipo de exercício de poder que é consubstancial a elas. A escola moderna é uma dessas instituições em que um dispositivo de saber-poder contribui à constituição de certo tipo de subjetividades. A linguagem é diferente: Freire diria que uma educação bancária contribui para a consolidação da opressão entre os seres humanos; Foucault diria que um dispositivo de saber poder reproduz sujeitos dóceis, obedientes.

Ao mesmo tempo, ideias como crítica, experiência e transformação, centrais no pensamento de Paulo Freire, são também muito caras a Foucault, porém com um sentido diferente. De fato, o pensador francês as relaciona entre si, como, por exemplo, quando se refere ao sentido de sua própria escrita numa forma que se percebem proximidades e diferenças com Paulo Freire:

Eu não penso jamais o mesmo inteiramente pela razão de que meus livros são para mim experiências, num sentido que queria o mais pleno possível. Uma experiência é algo do qual si mesmo sai transformado. Se eu devesse escrever um livro para comunicar o que já penso, antes de ter começado a escrever, jamais teria tido a coragem de empreender a escrita. Só escrevo porque não sei ainda que pensar exatamente dessa coisa que quero tanto pensar. De modo que o livro me transforma e transforma o que eu penso. Cada livro transforma o que eu pensava quando terminei o livro precedente. Sou um experimentador e não um teórico. Chamo teórico àquele que constrói um sistema geral, seja de análise e o aplica de forma uniforme aos diferentes campos. (Foucault, 1994b, p.42).

Foucault e Freire foram dois grandes e profícuos escritores. Freire talvez um escritor mais teórico que experimentador, na direção de que pelo menos parte do sentido da escrita estava localizado em dar a conhecer uma verdade que ele tinha descoberto. Nesse sentido, seus livros - sobretudo os monológicos - eram em certo modo mais livros verdade que livros experiência. Tomemos por caso, a *Pedagogia do Oprimido*: para Freire era importantíssimo publicar e divulgar o livro, tanto entre o que chamava de massas oprimidas, quanto entre a classe opressora, para que ambas pudessem saber de sua condição. De modo que ele era mais pensado como um livro experiência para os leitores e um livro-verdade para o autor, embora a própria publicação da *Pedagogia do Oprimido* tenha gerado muitas reações e tornou ele um livro-experiência para o próprio Paulo Freire que até escreveu, vinte anos depois, um outro livro, *Pedagogia da Esperança*, respondendo às críticas recebidas por aquele livro. É como se a escrita do livro gerasse um movimento nos leitores que voltou sobre o autor, tendo um efeito de livro experiência, vinte anos depois, transformando suas ideias, incorporando essas críticas e mostrando as mudanças no seu pensamento. Já para Michel Foucault a experiência de "pensar de outra maneira", de transformar o que pensava, era, digamos, imediata, produto da própria escrita.

Isso porque Foucault, na esteira de autores como Nietzsche, Bataille e Blanchot pensa a experiência de escrita como algo que afasta ao sujeito de si mesmo, como um processo de de-subjetivação que abre assim espaço para a transformação de si, a poder ser sempre de uma outra maneira. Como autor de livros-experiência, Foucault pensa a

escrita e a leitura como exercícios de transformação de si, o que comporta, também, uma transformação na relação com os temas que o livro coloca. Neste sentido, há uma pretensão transformadora na escrita, pois os livros de Foucault têm como um dos sentidos principais a transformação das ideias que o próprio Foucault e as e os leitores têm do tema do livro e de si mesmos. Essa pretensão também existe na escrita de Freire só que, a princípio voltada sobre os leitores e o retorno dos leitores sobre sua própria escrita que gera um efeito transformador também em si mesmo.

Já o conceito de experiência em Freire está mais ligado às tradições fenomenológicas, hegeliano-marxista e pragmatista e, dessa forma, ele comporta uma possibilidade reflexiva que permitirá um enriquecimento da própria experiência a partir de certas condições. No caso da experiência pedagógica, se ela for dialógica, democrática, problematizadora, ela permitirá a passagem da consciência ingênua a uma consciência crítica. Eis o lugar e sentido da práxis educativa: prover uma experiência reflexiva que permita uma transformação na consciência de si e do mundo, ou seja, uma transformação das condições de opressão que permitam realizar a vocação ontológica e epistemológica dos seres humanos de serem mais. Nesse sentido, em certo modo, há uma direção “verdadeira” para a transformação, o que para Foucault seria inadmissível pois de fato a experiência se opõe sempre à verdade, luta contra sua instauração e fixação e não há experiências verdadeiras ou falsas. Ou seja, uma experiência não poderia ser nem verdadeira nem falsa porque ela sempre está em oposição à afirmação da verdade.

Em suma, Foucault mostra um conceito de transformação que no caso da escrita se mostra mais amplo que o freireano, no sentido que se dirige também ao próprio escritor e no caso da sua extensão ao campo educativo resulta mais aberto pois não há um caminho predeterminado para essa experiência: não há a direção que imprime uma dialética da história, nem pode haver um processo de conscientização porque não há verdade sobre a qual conscientizar; também não há sentidos ou verdades que guiem ou norteiam a experiência educativa a não ser o sentido que surja da própria experiência, a diferença no pensamento e na vida.. Há o trabalho infinito e inacabável do pensamento por pensar (e viver) sempre de outra maneira, por buscar no pensamento, uma outra vida e um outro mundo.

4.Transformação? Algumas considerações críticas

Nos países de Abya Yala, a educação formal, que vem se pautando ao longo dos últimos séculos por um pensamento eurocentrado já descrito na primeira seção deste trabalho (Malheiro et al. 2021; Grosfoguel 2013), contemporaneamente se ajusta e normaliza à lógica super exploratória capitalista que nega, expropria, segrega e descarta saberes, experiências, línguas e corpos, impondo um padrão mercantil, homogeneizante, monocultural e excludente no mundo.

Nas duas seções anteriores apresentamos dois pensadores - Paulo Freire e Michel Foucault - que oferecem duas concepções, diferentes, contrapostas em alguns sentidos e complementares em outros sobre a noção de transformação - ideia amplamente disseminada e fulcral nas lutas progressistas e por emancipação nas terras de Abya Yala. Trata-se, certamente, de dois discursos críticos da modernidade eurocentrada. Paulo Freire é fortemente herdeiro de tradições dessa mesma matriz, como o existencialismo, o personalismo, fenomenologia, hegelianismo, marxismo, cristianismo e pragmatismo. Foucault é mais eclético e abertamente crítico dessa tradição. Contudo, ambos pensadores são muito lidos no campo decolonial, pós-colonial ou contracolonial, seja descolonizando-os ou tomando-os como inspiração. Ver, por exemplo, para Freire, ver Penna 2014 e Lima/Germano 2012; para, Foucault, ver Coleman/Rosenow 2023; Roland 2024 e Shani 2010.

O que nos interessa discutir nesta última seção é se a ideia de transformação, situada numa episteme alheia às formas de vida em Abya Yala, é capaz de captar e impulsionar a invenção de outras e diferentes "dimensões do mundo" (Krenak/Campos, 2022). Mais especificamente, se pode ser interessante ainda afirmá-la nas teorias e práticas educacionais.

A modo de um apontamento, convidamos para considerar essa questão dois pensadores de Pindorama^{iv}. Um dos intelectuais mais potentes do Brasil é o quilombola, recentemente falecido, Antônio Bispo dos Santos (o Nego Bispo). Em novembro de 2021 tivemos a oportunidade de entrevistá-lo na sua casa, em São João do Piauí, no estado brasileiro do Piauí. Na entrevista, ele afirma: "a arte de nomear é a arte de dominar. Como quilombola, eu me coloco na posição de uma pessoa contracolonialista; não decolonial, mas contracolonial; e na posição de uma pessoa contracolonialista, o que a gente precisa inclusive é mudar os nomes..." (Bispo dos Santos, 2021 s/p). Uma educação contracolonial exigiria mudar muitos nomes, conceitos e muitas palavras. Segundo Nego Bispo, até a própria palavra educação deveria ser mudada (pela palavra "criação", Bispo, ibidem): ela

é um nome ruim pois está associada a um poder de adestramento, de serviço, de aproveitamento de uma outra pessoa. E também por ser um conceito hegemônico, o que significa que ao mesmo tempo é violenta e destruidora da diversidade (Bispo dos Santos: *ibidem*). Outros conceitos hegemônicos como democracia e política também são objeto da análise crítica desse pensador quilombola, como veremos a seguir.

Em sua última obra, *A terra dá, a terra quer* (Bispo dos Santos 2023, p.3), complementa essa ideia da seguinte forma:

Eu, por dominar a técnica de adestramento, logo percebi que, para enfrentar a sociedade colonialista, em alguns momentos “precisamos transformar as armas dos inimigos em defesa”, como dizia um dos meus grandes mestres de defesa. Então, para transformar a arte de denominar em uma arte de defesa, resolvemos denominar também. Em outros escritos em que traduzi os saberes ancestrais de nossa geração avó da oralidade para a escrita, trouxemos algumas denominações que as pessoas na academia chamam de conceitos. A partir daí, seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las.

Neste parágrafo, Nego Bispo estabelece que a linguagem é um campo de batalha da luta emancipatória, contracolonialista: como a arte de nomear é a arte de dominar, é preciso renomear as palavras para se defender da dominação colonialista: deixar de pronunciar as palavras que nos dominam e criar, inventar outras palavras. Esse pensamento toca algumas discussões a respeito da relação entre linguagem, poder e colonização. Em Pindorama, como em outros países da nossa terra, a imposição da língua do colonizador e o silenciamento das línguas originárias é parte do projeto colonizador. É o que, dentre outros, Ngũgĩ wa Thiong'o tem denunciado e proposto uma "descolonização linguística" dos autores africanos (Thiong'o, 1986), compelidos a escrever em inglês ou francês e a renunciar a suas línguas originárias. O Nego Bispo pertence já a uma geração em que a língua do seu povo foi violentada e o português imposto. Contudo, ele chama a resistir dentro da própria língua colonialista dando uma guerra nas denominações. Vejamos como exemplifica isso:

Certa vez, fui questionado por um pesquisador de Cabo Verde: “Como podemos contracolonizar falando a língua do inimigo?”. E respondi: “Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o

desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofobia. Vamos dizer que a cosmofobia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento. Para enfraquecer o desenvolvimento sustentável, nós trouxemos a biointeração; para a coincidência, trouxemos a confluência; para o saber sintético, o saber orgânico; para o transporte, a transfluência; para o dinheiro (ou a troca), o compartilhamento; para a colonização, a contracolônização... e assim por diante. Ele entendeu esse jogo de palavras: "Você tem toda a razão! Vamos botar mais palavras dentro da língua portuguesa. E vamos botar palavras que os próprios eurocolonizadores não têm coragem de falar!". (Bispo dos Santos, 2023, p. 3-4)

Desse modo, Nego Bispo mostra que a luta não é apenas linguística, mas de pensamento e cosmopercepção. A palavra "desenvolvimento" é uma palavra cosmofóbica, ela odeia o mundo, quer explorá-lo e o considera apenas um meio. Já a palavra "envolvimento" é cosmofílica, ela mostra amor pelo mundo, um quer ser parte dele e viver em harmonia com ele. Da mesma forma, Nego Bispo dá outros exemplos. Em todos os casos, trata-se não apenas de uma substituição de palavras, mas de ideias e formas de habitar o mundo.

Para Nego Bispo, a própria palavra "política" é também um instrumento de colonização porque, como invenção eurocristã, "diz respeito à gestão da vida alheia. (...) é produzida por um grupo que se entende iluminado e que, por isso, tem que ser protagonista da vida alheia" (Bispo dos Santos, 2023, p. 47). Em vez disso, a partir da experiência nos territórios quilombolas, esse pensador não afirma uma política, mas modos de vida, autogestão, confluência entre os seres e compartilhamentos. Não há uma hegemonia antropocêntrica nesse modo de pensar e viver, pois "só os humanos têm essa estrutura em que um vive para gerir a vida do outro verticalmente, para defender os direitos dos outros" (p. 47), e conclui:

Uma pessoa, entretanto, quer governar 200 milhões de outras pessoas. Como ela poderia, se não chega a conhecer duas mil pessoas? Como governar quem não se conhece? Dentro do reino animal, só existe política na espécie humana. Nas outras espécies, existe a autogestão. Não existe um grupo de cabras que quer governar todos os rebanhos. Cada grupo de cabras forma o seu rebanho. Cada grupo de porcos forma seu rebanho. Os animais vivem em rebanhos, em agrupamentos dentro da mesma espécie. Nem todos os caititus querem viver no mesmo bando, há vários bandos de caititus (Bispo dos Santos, 2023, p. 47).

Na cosmopercepção dos povos afroconfluentes e originários de Abya Yala, a autogestão e a definição dos modos de vida, a partir de seus próprios termos, trazem uma

importante contribuição para dialogarmos sobre outras significações para transformação, educação, política e democracia, pois convidam outras formas de vidas para tomarem parte da contracolonização.

As ideias de "homem", "humanização" e "humanidade" também são questionadas. Ailton Krenak, pensador indígena brasileiro, nos convida a pensar em como esses conceitos foram sendo construídos entre nós nos últimos dois ou três mil anos e como têm justificado violências e hierarquizações. Para ele:

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro da humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas escolhas feitas em diferentes períodos da história (Krenak, 2019, p.11).

Apagamentos, esquecimentos e epistemicídios foram empreendidos em nome dessa humanidade e de seu processo civilizatório genocida em sentido único. Nas terras de Abya Yala, ainda afetados pelo colonialismo, falamos, por exemplo, de forma dominante duas línguas colonizadoras: castelhano e português. O próprio nome América Latina foi imposto pelo colonizador (inspirado no espanhol América Vespúcio) sobre o nome originário Abya Yala. Retomando Nego Bispo, o que ele sugere é que, se queremos contracolonizar a educação, é preciso mudar palavras que têm uma carga colonizadora. Deixemos por um momento as palavras até aqui enunciadas. A seguir, oferecemos algumas considerações a respeito da palavra transformação.

A primeira é que ela é, digamos, inútil, estéril. Pelo menos, desde a famosa formulação de Marx, na tese 11 sobre Feuerbach ("Os filósofos têm apenas *interpretado* o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é *transformá-lo*."), (Marx/Engels, 2002), a transformação transformou-se numa palavra incontornável nos discursos progressistas das chamadas ciências humanas. Paulo Freire é, sem dúvida, um desses intelectuais tocados por essa exigência de um discurso que afirme, postule ou sonhe com uma transformação da realidade embora, como visto, foi se tornando mais prudente, considerando a educação como uma participante necessária antes que como propulsora dessas transformações. A questão é que, passados séculos de discursos e discursos sobre a transformação, nada significativo do mundo capitalista imperante se transforma ou, pior

ainda, como se alerta pelo discurso da transformação, o sistema sofisticado e refine as formas de opressão, para falar com Paulo Freire. De modo que a palavra transformação parece ser bastante inócua se não servir ao próprio sistema de dominação imperante.

A segunda consideração para não usarmos a palavra transformação é que ela é autoritária e hierárquica, isto é, colonizadora... ou seja, ela é uma forma de discurso dos poderosos, dos que consideram que enxergam algo que os outros não enxergam, que se acham iluminados e com um poder superior para dizer como o mundo deveria ser, ou pelo menos que ele precisa ser transformado; ela não é uma palavra dos que se colocam à escuta, atentos e horizontalmente. Em palavras do Nego Bispo, a palavra transformação supõe, afirma e reproduz um modo colonialista de exercer o poder, embora seja usada pelos discursos decoloniais.

Finalmente, oferecemos uma terceira consideração para abandonar a palavra transformação, talvez ainda mais pertinente, pelo menos nestas terras do Sul do mundo. Para ela, chamamos novamente Ailton Krenak, quem nos ajuda a perceber que o discurso da transformação é um discurso extrativista, na medida em que fala do mundo desde uma lógica da exterioridade, sem perceber que somos parte do mundo e não externos a ele (Krenak, 2020). Para Krenak, essa percepção é não natural, usurpadora, expropriadora. Assim, o discurso da transformação traduz o equívoco inaceitável de falar do mundo em terceira pessoa e colocar os seres humanos e não humanos desintegrados dele, reproduzindo uma lógica extrativista em relação ao planeta com as consequências devastadoras que o extrativismo está produzindo nas mais diversas dimensões. No caso brasileiro, estamos vivendo as duras penas da expansão desenfreada do *agro(mínero-hidro-bio-carbono)negócio* (Malheiro et al, 2021) combinado com as mudanças climáticas. *Estamos sob cenário de devastação, incêndios, fumaça e as nossas saídas requerem nossas bases ancestrais e a elaboração de outros horizontes de existência.*

Por isso, a denúncia do discurso que enseja transformar o mundo não significa afirmar o imobilismo ou a quietude diante dele. O próprio Krenak afirma: "O sonho da Terra é uma metamorfose. O que é pedra vira borboleta, o que é pau vira vento, o que é vapor vira chuva, as nuvens despencam em tempestade. Toda essa fantástica movimentação da vida é o sonho da Terra. É a transformação, a metamorfose." (Krenak, 2020). De modo que o mundo é uma metamorfose da qual nós somos parte. O que a educação contemporânea bem poderia, pensamos, é deixar de pretender formar seres humanos para serem agentes

transformadores do mundo e criar modos de estar no mundo sensíveis, atentas e cuidantes das metamorfoses do planeta como forma de resistir e combater o que atenta contra o nosso planeta e, com ele, contra nossa própria vida.

Paulo Freire pode continuar a nos inspirar nessa luta por encontrar palavras que nomeiem um mundo menos injusto, cruel, opressor. Mesmo com uma linguagem colonizadora, extrativista e machista, uma das frases mais repetidas da *Pedagogia do Oprimido* o sugere: “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 2018, p.165). Nessa passagem afirma-se uma coletividade sem hierarquias, educando-se em comunidade, no mundo. O mundo aparece como educador mais do que algo a ser explorado. Já, Nego Bisco e Ailton Krenak nos sinalizam que é preciso criar, além de um novo vocabulário, uma outra gramática para os nossos imaginários e, junto com eles, maneiras outras de educarmo-nos neste mundo, à beira da extinção, que estamos sendo.

Referências

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **Entrevista com Walter Kohan**. São João do Piauí, PI, 17/11/2021. No prelo.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. Brasília, DF: Piseagrama; UBU, 2023
COLEMAN, Lara MONTESINOS; Roseno, Doerthe. On struggle as experiment: Foucault in dialogue with Indigenous and decolonial movement intellectuals, for a new approach to theory. **Review of International Studies** (2023), page 1 of 18 doi:10.1017/S0260210523000505

CONDE, Heliana; PORTOCARRIERO, Vera; VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.). **Michel Foucault e os saberes do homem**. Curitiba: Prismas, 2016.

DUSSEL, Enrique. “Europa, modernidade e eurocentrismo”. In: LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro. 2005.

FOUCAULT, Michel. L'homme est-il mort? In: _____. **Dits et Écrits**. Vol. I. Paris: Gallimard, 1994a.

FOUCAULT, Michel "Entretien avec Michel Foucault". In: _____. **Dits et Écrits**. Vol. IV. Paris: Gallimard, 1994b.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. **O manuscrito**. Jason Ferreira Mafra, José Eustáquio Romão e Moacir Gadotti (Projeto editorial, organização, revisão e textos introdutórios). São Paulo: Instituto Paulo Freire/UNINOVE/BT Acadêmica, 2018.
- GROSFUGUEL, Ramón. Racismo/sexismo epistémico, universidades occidentalizadas y los cuatro genocidios/epistemicidios del largo siglo XVI. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, 2013, n.19, pp.31-58. ISSN 1794-2489.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. “A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho”. Entrevista com Anna Ortega. **Jornal da Universidade**. Porto Alegre: UFRGS, 12 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho/>. Acesso em 21/6/2024.
- KRENAK, Ailton.; Campos, Yussef. **Lugares de origem**. São Paulo: Jandaíra, 2022
- LIMA, José Glauco Smith Avelino de; GERMANO, José Willington. O Pós-Colonialismo e a Pedagogia de Paulo Freire. **Inter-legere**. , v. 11, 2012, 198-227.
- MALHEIRO, Bruno; PORTO-GONÇALVES, Walter Carlos; MICHELOTTI, Fernando **Horizontes amazônicos: para repensar o Brasil e o Mundo**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; Expressão Popular, 2021.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: Teses sobre Feuerbach**. São Paulo: Centauro, 2002.
- MURARO, Darcísio. “John Dewey e Paulo Freire: educação e transformação social”. **Revista Lusófona de educação**, n. 58, 2022, p. 151-166.
- PENNA, Camila. Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria póscolonial latinoamericana. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**. v. 8, n. 2, 2014, p. 181-199.
- ROLAND, Elsa. who’s tired of michel foucault? une étude sur les perspectives foucauldienes pour penser l’articulation de la production l'enfance des rapports de colonialité. **Childhood & philosophy**, v. 20, 2024, pp. 1-34. doi:10.12957/childphilo.2024.81123
- SHANI, Giorgio. De-colonizing Foucault. **International Political Sociology**, 4:2, June 2010, pp. 210–212, https://doi.org/10.1111/j.1749-5687.2010.00100_7.x
- THIONG'O, Ngũgĩ wa **Decolonising the Mind: the Politics of Language in African Literature**, Heinemann Educational, 1986.
- ZITKOSKI, Jaime José STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

Notas

ⁱ Neologismo cunhado pelos autores para sinalizar que o pensamento dominante e suas expressões imperialistas não está situado geopoliticamente e exclusivamente a partir do continente europeu.

ⁱⁱ Referir-se a Abya Yala ao invés de continente americano/América é parte da profunda reelaboração política, ética e estética dos povos originários desse território. Abya Yala foi o termo

usado na II Cúpula Continental dos Povos, em Quito, no Equador, no ano de 1976, para designar e demarcar o que era esse lugar antes de 1492: a "terra viva"; "terra de todos".

ⁱⁱⁱ Paulo Freire foi um escritor profuso e diverso. Além das obras monográficas (usualmente publicadas com o título de Pedagogias de...) escreveu e publicou inúmeras conversas, entrevistas, cartas, relatos...o que supunha uma valorização da oralidade muitas vezes desvalorizada pelas lógicas grafocêntricas dominantes. Para as autoras deste trabalho todos seus escritos são igualmente relevantes e ajudam a entender e dialogar com seu pensamento.

^{iv} O próprio Nego Bispo narra como Pindorama era o nome que o povo dava ao Brasil antes da chegada dos colonialistas europeus. Pindorama significa Terra das Palmeiras e foi primeiro renomeado como Terras, de Monte Pasqual, depois de Terra de Veracruz, Terra de Santa Cruz e finalmente Brasil (Bispo, 2021, s./p.)

Sobre os autores

Ceane Andrade Simões

Professora do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Formada em Pedagogia e Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Mestra em Educação - Processos Formativos e Desigualdades Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e doutoranda em Educação pelo PPGED - UFPA. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas Públicas em Educação (GEPPE/UEA) e o Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Teorias, Epistemologias e Métodos da Educação (EPSTEM), da Universidade Federal do Pará. Realiza pesquisas no campo dos currículos da Educação Básica e com os cotidianos escolares. Foi dirigente do Sindicato dos Docentes da Universidade do Estado do Amazonas (SindUEA 2021/2023) e coordenadora do coletivo por educação pública, democrática e integral - Coletivo Escola Família Amazonas (CEFA).

Email: ceane@uea.edu.br Universidade do Estado do Amazonas

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2116-1332>

Walter Omar Kohan

Professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e Cientista de Nosso Estado na FAPERJ. Coordenador do projeto "Filosofia na Infância da vida escolar" (CAPES-Print). Pós-doutor pelas Universidades de Paris 8 (França) e British Columbia (Canadá). Atual co-editor do periódico *childhood & philosophy*, deu cursos de formação de professores e professoras em numerosos países de América Latina, Europa, e outros como África do Sul, Moçambique, Coreia do Sul, China e Japão. Seus trabalhos estão publicados em castelhano, italiano, inglês, português, francês, húngaro, persa, russo e finlandês. Livros mais recentes em português: *Uma viagem de sonhos impossíveis* (Autêntica, 2022), *Paulo Freire: um menino de 100 anos* (NEFI, 2021), *Paulo Freire, mais do que nunca* (Vestígio, 2019).

Email: wokohan@gmail.com Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2263-9732>

Recebido em: 21/10/2024

Aceito para publicação em: 27/10/2024